

Teatro do Parque apresenta show afro-brasileiro hoje

Um show de ritmo afro-brasileiro, eis o que mostra o intérprete e compositor Ivano, até domingo, às 18h30m, no elenco local do Projeto Pixinguinha, na sua segunda semana de apresentação no Recife. O projeto vem acontecendo no Teatro do Parque, sempre de quinta a domingo, até o dia 2 de junho. No elenco nacional, esta semana, um grupo de nomes nordestinos: Teca Calazans, Oswaldinho do Acordeon e Teti.

A nível nacional, o Pixinguinha é promovido pelo Ministério da Cultura, Funarte e Petrobrás, com realização local da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), órgão vinculado à Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes do Governo de Pernambuco, e apoio da Polícia Militar de

Pernambuco, Fundação de Cultura Cidade do Recife e Universidade Federal de Pernambuco.

AFRO-BRASILEIRO

O presidente da Fundarpe, Roberto Pereira, comenta, recordando a atuação do jovem Ivano, participando, com muito sucesso, dos festivais do Colégio Radier, onde ele era diretor: "Naquela época, Ivano apresentou-se, ainda, no Dia do Lazer, para mais de três alunos, e foi uma consagração. Nós já sentíamos, então, que Ivano teria o seu espaço, que foi conseguindo, através, por exemplo, da participação no festival Arizona e no projeto "O Show é Nosso", no Teatro Valdemar de Oliveira".

Ivano participou de vários shows no Recife e em João Pessoa, destacando-se o "Grito de Afomé", mos-

trado na Unicap, em 1982, e o "Axé Zumbi", no Centro de Arte Popular de Olinda, com verba destinada à construção do Memorial Zumbi, na Serra da Barrica, em Alagoas. Ano passado, Ivano apresentou-se no Teatro do Forte com o show "Rebeldia e Dança", mostrando um acréscimo visual no seu estilo, incluindo a dança. Há poucos dias, a Casa da Cultura foi pequena para receber o público do show "Estamos Resistindo".

Ivano tem seu trabalho voltado para a cultura afro-brasileira. Sua principal temática é a luta e adequação do negro na sociedade brasileira ainda rica em miscigenação, sincretismo e aculturação. O grande público de certo gostará do show de Ivano, onde os atoxés e maracatus misturam-se aos xotes e às cirandas.

Museu abre espaço para debater questão do negro

Divulgar, registrar e levar à reflexão a questão do negro. Abrir espaço para que o tema da abolição da escravatura não seja só motivo para pesquisa. Esse é o pensamento da coordenadora do Museu da Abolição, Ângela Sumavielle.

Com esse propósito, será realizada, sob a sua organização, no próximo dia 13, uma conferência com o professor e psicólogo Sylvio Ferreira, no sobrado grande da Madalena (Museu da Abolição) às 17:00 hs, que tratará "O negro após a abolição: a década de 30 e as associações afro-brasileiras em Pernambuco".

Segundo a coordenadora do Museu, o objetivo da conferência é marcar o dia 13 de maio - Dia da Abolição da Escravatura -, dando, no entanto, uma visão mais moderna, tanto sobre o dia, como sobre a compreensão do processo. Ângela diz que

eventos dessa natureza farão parte da programação do museu, que no momento ainda está em fase inicial, tentando se estruturar. Essa conferência servirá para puxar o fio da meada, de uma série de debates necessários a um maior e mais abrangente questionamento, que leve as pessoas inclusive a se posicionarem diante da questão racial.

Atualmente a proposta do museu, sob a coordenação de Ângela Sumavielle, há um ano, se resume aos eventos voltados ao público. É a longo prazo, um trabalho que requer maior esforço e investimento; criar uma infra-estrutura, o que pede todo um treinamento do pessoal ligado à programação do museu. Também faz parte da intenção da coordenadora, incluir a catalogação de material informativo.

ACERVO DO MUSEU

- Até agora o acervo do

museu é eclético - diz Ângela - seus fundadores moldaram-no a partir do registro de textos oficiais, portarias, e caneta com a qual foi assinada a Lei Áurea, a Imaginária, para ela, um capítulo interessante que retrata o sincretismo entre o negro e o branco e elementos do uso cotidiano do escravo.

A preocupação fundamental, de Ângela Sumavielle é organizar a casa, fazendo com que o Museu da Abolição, bem como todo o seu acervo, extrapolem a questão da abolição da escravatura vista de forma tradicional e isolada, e tenha, esse tema tão delicado, condições de ser tratado sob o prisma do processo civilizatório, ou seja, o da escravidão "do homem pelo homem".

A conferência do dia 13 é uma promoção conjunta do Museu da Abolição e da Fundação Joaquim Nabuco.

Umbandistas comemoram hoje fim da escravidão no País

O Centro de Estudos e Orientação dos Cultos Afro-Brasileiros de Pernambuco vai realizar, a partir de hoje e até segunda-feira próxima, uma série de reuniões em diversos centros umbandistas do Recife em celebração ao fim da escravatura no Brasil, comemorada nacionalmente a 13 de maio, data cultuada por todos que se dedicam à umbanda e outros cultos afro-brasileiros.

Em todas essas ocasiões, além dos cultos normais, o presidente do centro e coordenador espiritual, Al-

berto Correia da Silva, fará palestras sobre o significado e importância da data, cultuando, principalmente Pai João, símbolo maior dos pretos velhos que representam a humildade e o amor. Isso mesmo, são cultuados em todos os terreiros e centros umbandistas.

Segundo o orientador espiritual do Centro de Estudos e Orientação dos Cultos Afro-brasileiros, "Pai João", ou Francisco José do Nascimento, símbolo maior do culto aos pretos velhos, foi escolhido presidente da

"Libertadora" e reconhecido como chefe absoluto dos Jangadeiros, a 18 de dezembro de 1882, quando foi fundada a Sociedade das Cearenses Libertadoras.

Lembra, também, que o Ceará foi um dos Estados pioneiros em libertar os escravos, daí a projeção que hoje têm "Pai João" e os pretos velhos que são cultuados em todos os terreiros e centros umbandistas, por terem sido os orientadores da formação pátria de que resultou, pelo trabalho escravo, no desenvolvimento nacional.

Fundação questiona o negro

Como o negro encarava a si próprio e sua condição social na sociedade brasileira, ele se via com orgulho ou se sentia inferior? Esta será uma das questões a serem debatidas pelo diretor do Centro de Estudos Afro-Brasileiros, da Fundação Joaquim Nabuco, Sylvio Ferreira, na conferência que fará no Museu da Abolição, amanhã, sobre o tema "O Negro após a Abolição: a década de 30 e as associações afro-brasileiras em Pernambuco".

Dessas formas de organizações e luta, uma coisa pontificou no Brasil de norte a sul, segundo o dirigente, a criação de inúmeras entidades afro-brasileiras que tinham como proposta a elevação moral, intelectual e social do negro na sociedade brasileira.

- A motivação dessas entidades afro-negras pelo País a fora, a principio pelo Rio, São Paulo, Rio G. do Sul, Bahia, Maranhão e Pernambuco, era justamente procurar integrar o negro à sociedade de base. Era natural que a população de cor encontrasse dificuldades para se integrar a uma sociedade para a qual não fora instrumentalizada, preparada e, por não ter havido continuidade na luta dos abolicionistas, ficou entregue à própria sorte. Sendo assim, o negro teve que procurar por si mesmo formas de organização e luta para enfrentar a nova ordem social, a sociedade de classes, que se apresentava para ele como uma coisa absolutamente nova - explicou ele.

ASSOCIAÇÕES

Fazendo retrospecto das associações da década de 30, criadas por motivação de ordem social, pelo negro que sentiu-se abandonado e entregue à própria sorte, após abolida a escravidão e instalada a nova ordem social que foi o capitalismo, citou "a Frente Negra Pernambucana, que data de 1936, posteriormente transformada. Com o advento do Estado Novo, em 37, a entidade foi fechada e proibida de funcionar, como todos os partidos que apresentavam um certo caráter político. Assim, a Frente Negra resultou numa associação recreativa cultural e, mais tarde, no Centro de Estudos Afro-Brasileiros.

No caso específico de Pernambuco, que esteve em destaque, à época, também foram decisivos a publicação de Casa Grande & Senzala, que revolucionou o conceito de raça, através da dissociação desta com a cultura, dando alvivez ao negro e, ainda, a realização do primeiro Congresso de Estudos Afro-Brasileiros, organizado e idealizado por Gilberto Freyre e Ulisses Pernambucano".

Alunos estudam a escravidão

Para vivenciar a história da escravidão no Brasil, alunos de várias escolas públicas e privadas do Recife participaram, na sexta-feira, no Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco, de manifestação sobre a abolição, tendo como cenário o acervo do estabelecimento.

Tendo como instrutores os guias do Museu do Homem do Nordeste, os participantes do Projeto Museu-Educação, formados por estudantes de faixa etária de 8 a 10 anos, numa aula descontraída e diferente, estudaram a história da escravatura como se dela estivessem participando.

SALA

Ao entrar no Museu do Homem do Nordeste, como se fosse uma sala de aula, cada estudante recebeu apostila contendo assuntos pesquisados pelo escritor Gilberto Freyre que registra a causa da escravidão, a influência africana, mistura de práticas religiosas africanas e católicas, danças (samba, coco, capoeira), uso de palavras africanas na maneira de falar (saravá, xangô), cozinha (vatapá, acarajé, feijoada) e raça (mulato, preto, branco, cafuso), entre outros assuntos.

Foi-lhes também transmitido que, segundo o abolicionista Joaquim Nabuco, quem protestou pela primeira vez contra a escravidão negra no Brasil foram os próprios negros e que os partidários da abolição fundaram sociedades como a Confederação Abolicionista.

No final das atividades, os estudantes do Projeto Museu-Educação receberam questionário para ser respondido sobre o assunto exposto durante as manifestações alusivas ao período da escravidão no Brasil.

Para a técnica cultural da Fundaj, Amélia Corrêa, com essas aulas ali ministradas, os alunos aprendem a gostar mais da História. "Eles se transportam para a época que estão estudando", assinalou.

Líderes condenam discriminação racial e pedem novo tratamento

A inclusão do estudo da História da África e da cultura afro-brasileira nas escolas de 1º e 2º graus, a construção do Memorial Zumbi, em União dos Palmares, na Serra da Barriga, um maior intercâmbio político, cultural e econômico com os povos africanos e a condenação da política adotada pela África do Sul são algumas das reivindicações que os negros brasileiros estão encaminhando à Nova República, através da Assessoria para Assuntos da Cultura Afro-Brasileira, órgão do Ministério da Cultura.

O responsável pela Assessoria, Carlos Moura, encontra-se no Recife, onde participou ontem de homenagem prestada aos negros pela Câmara Municipal do Recife. Segundo ressaltou, a criação da assessoria veio a atender solicitações das diferentes entidades que congregam negros no Brasil, que sentiam a necessidade de estabelecer um contato direto e oficial com as autoridades. Como primeiro passo para a criação da assessoria, os negros encaminharam ao então candidato à Presidência da República, Tancredo Neves, um documento intitulado

“O negro e a sucessão”, contendo uma série de reivindicações. Com a morte de Tancredo Neves, o documento foi encaminhado ao presidente Sarney, que tratou de estruturar o novo órgão, atendendo assim às aspirações da comunidade afro-brasileira.

– Considero a criação da assessoria como uma manifestação de que o Governo federal pretende realmente realizar um novo pacto social, fazendo com que dele participem todos os segmentos da sociedade brasileira, especialmente os despossuídos, os pobres, os economicamente marginalizados dos quais, nós negros, somos a imensa maioria. O novo órgão tem por meta o resgate da cultura afro-brasileira, o estudo dos nossos usos e costumes, a partir da contribuição negra vinda de nossos antepassados africanos. Isso se fará inclusive através da reedição de obras de autores negros, tais como Lima Barreto, Cruz e Souza, André Rebouças e Nunes Gama. É importante destacar também a especial atenção que se dará à epopéia de Palmares e ao grande herói Zumbi, que precisa ser incluído na

galeria dos heróis nacionais – explicou Carlos Moura.

Referindo-se às comemorações do 13 de Maio, data da assinatura da Lei Áurea, o assessor do Ministério da Cultura declarou que “os negros do Brasil não aceitam que a data seja considerada como marco da libertação dos escravos”. Segundo esclareceu, “a libertação foi um ato meramente legal, que não veio acompanhado por medidas econômicas capazes de permitir aos ex-cativos o desenvolvimento de atividades laborativas”. Destacou que, “a partir da assinatura da Lei Áurea, o Brasil deixou de ter escravos mas, em contrapartida, jogou à própria sorte uma imensa leva de seres humanos.

O nosso dia é o 20 de novembro, data em que Zumbi morreu em combate, defendendo Palmares, onde negros, brancos e índios viviam em comunidade”, declarou Carlos Moura, que além de assessor do Ministério da Cultura, é também presidente do Centro de Estudos Afro-Brasileiros de Brasília, coordenador da Frente Nacional Afro-Brasileira e diretor do Memorial Zumbi.

Líder negro: Escravidão continua

- Treze de Maio, uma mentira cívica como muitas outras que povoam a falsa história ensinada aos brasileiros. Mais um mito entre muitos existentes, destinado a perpetuar uma visão benevolente dos opressores. Mais um vil engodo para amortecer a tomada de consciência e a luta do negro brasileiro. Decorridos 97 anos de sancionada a Lei Áurea, os afro-brasileiros permanecem, em sua absoluta maioria, excluídos do processo socioeconômico e privados do direito a uma identidade de cidadão pleno - afirmou na tarde de ontem José Francisco dos Santos, membro da Comissão Executiva do Movimento Negro Unificado, ao ler o manifesto da entidade durante sessão solene realizada na Câmara Municipal do Recife.

Segundo ele, "a legislação de caráter social sempre foi elaborada sob o prisma das elites dominantes, etnocentristas e oportunistas. Os oprimidos, os trabalhadores, as mulheres, os índios e os negros são as vítimas perenes da aplicação do Código Penal e de toda a legislação repressiva, e raramente são beneficiados com qualquer dos mecanismos constitucionais de garantia e integração social. Para o Movimento Negro Unificado, é evidente o sentido manipulador das leis, nas quais está implícita a intenção de omitir as reais necessidades e aspirações de profundas transformações exigidas pela Nação para viabilizar meios efetivos capazes de retirar da marginalidade a maioria do povo".

- O processo abolicionista, na totalidade de suas leis (Tráfico, Sexagenários, Ventre Livre e Áurea), não teve outra função senão a de neutralizar a revolta, a luta e a incessante organização do negro que mesmo tendo suas repúblicas (quilombos), violentamente massacradas, jamais deixou de lutar contra a anti-humana ordem escravocrata, nunca perdeu a perspectiva de conquistar suas liberdades, configuradas no direito ao trabalho e ao seu produto, numa existência humanamente digna, no cultivo de seus próprios valores e referenciais, sem ser molestado por isso. Em essência, concluímos que a campanha pela abolição consistiu num modo indecente, deslavado, encontrado pelas elites dominantes para manter sob controle o avanço das próprias conquistas realizadas pelo negro, o que representava uma ameaça aos seus privilégios e ao seu hegemonismo ideológico. De fato, não derivou daí nenhum instrumento cívico legítimo, que amparasse o negro enquanto indivíduo e enquanto cidadão.

Referindo-se às formas de manipulação que se dão hoje no Brasil em prejuízo para os negros, José Francisco dos Santos citou o caso da campanha pelas eleições diretas para a Presidência da República, quando milhões de pessoas foram às ruas buscando resgatar um direito primário, mas fundamental. Esse direito lhes foi negado, e cresceu a revolta. Para amortecê-la, o Estado acenou com o Emendão, como

uma espécie de dádiva. Para o MNU, a emenda votada no último dia 8 de maio foi resultado exclusivo da aliança oportunista-burguesa atual.

Reforma agrária profunda, a redução da jornada de trabalho para gerar mais empregos, fim das perseguições aos trabalhadores ambulantes, estatização dos transportes, do ensino e da saúde, controle dos lucros remetidos para o exterior, fim dos instrumentos repressores e inibidores das organizações trabalhadoras e do conto da dívida externa, são temas proibidos ou condenados a uma longa espera, até que a Nova República elabore um contraprojeto em consonância com seus interesses, para apresentá-lo sob um sólido e eficiente aparato de propaganda, como mais uma dádiva do novo Governo ao povo. Esta é e tem sido sempre a forma tradicional de relação do Estado com a Nação. O resto é pura ficção", afirma o documento do Movimento Negro.

Seus integrantes ressaltam que, "apesar de tudo, os trabalhadores e os setores específicos, como os negros, permanecem ativos. No caso do Movimento Negro, a organização se faz quer através de terreiros de candomblé, dos maracatus, das escolas de samba, da música, do teatro e da dança. Para os negros, essas são formas de resistência, de reafirmação de referenciais e de se posicionarem contra o fim do subemprego, das favelas, a violência policial, dos esquadrões da morte, da prostituição, do abandono das crianças".



"O Negro e a Constituinte", eis o tema do encontro na Câmara Municipal do Recife

DIARIO DE PERNAMBUCO
Recife, domingo, 19 de maio de 1985

VIVER
Socialis
Cinema
Feminino
TV

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL

WANTED BY THE FBI



HOWARD WILLIAM VRADENBURGH ROBERT LASHLEY GILLEY CHARLES DAVID GORE

JAMES EUGENE CASIDOLI JAMES PAUL MAGUIRE HAROLD DEAN GILLEY

Criminosos procurados pela FBI nos Estados Unidos. Todos elementos de alta periculosidade, condenados por crimes de assalto, estupro e homicídio. Como enquadrá-los? Serão simples desajustados sociais, ou criminosos natos, como disse Lombroso?

“Os germes da loucura e do crime se encontram nas origens do homem”

Lombroso: O criminoso nato

Severino Barbosa

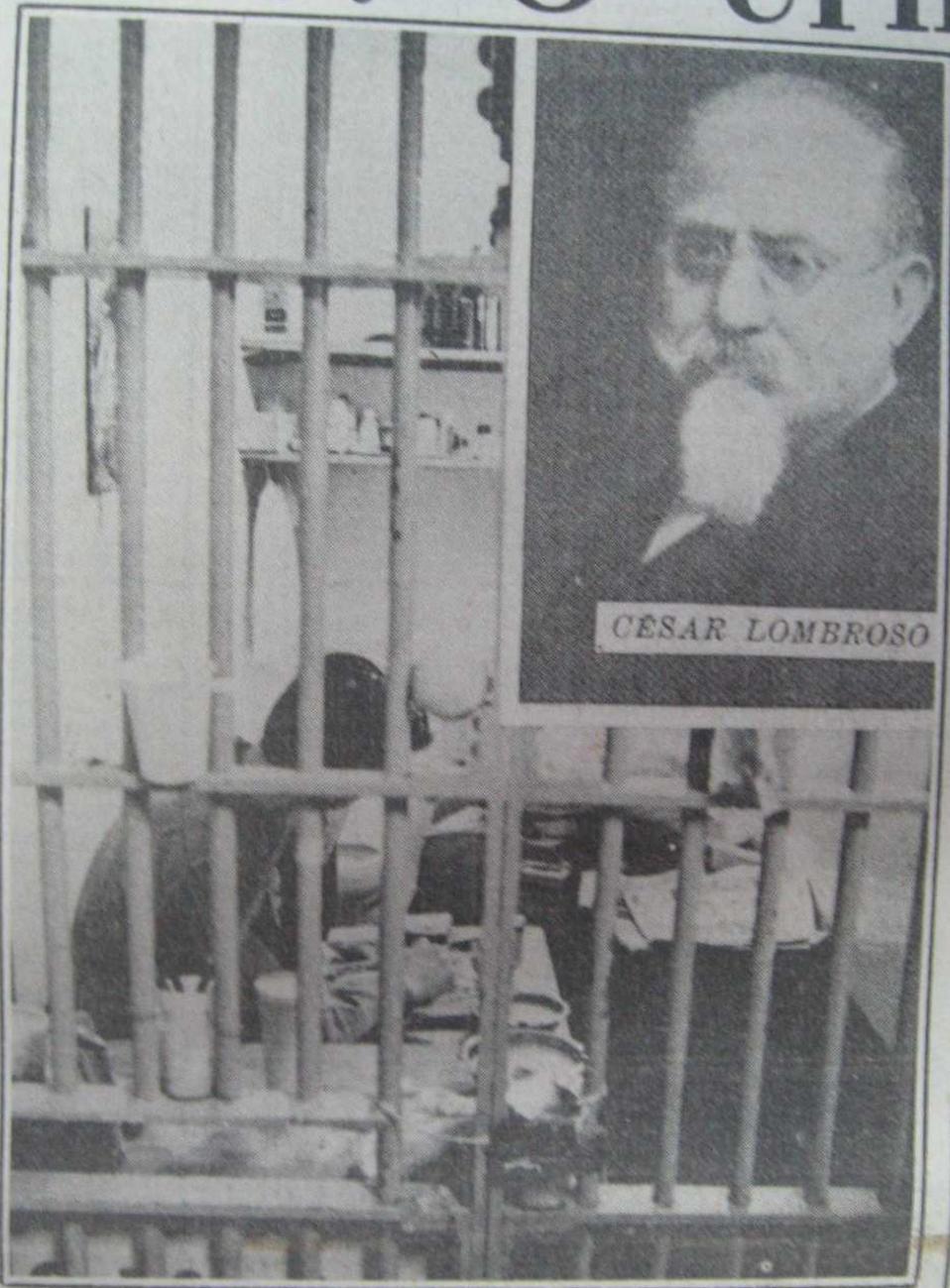
Na maioria das vezes tem-se a ideia falsa da fisionomia dos delinquentes. Os romancistas descrevem homens com aspecto espanado, olhos afundados, o olhar brilhante, feio. Outros observadores, como por exemplo, vão de um extremo ao outro e não encontram diferença entre eles e o homem normal.



...tencologos chamam de louco moral e nos denominamos delinquente nato”.

Isto explica por que quase todos os criminosos “manifestam seus maus instintos desde a mais tenra idade”. A crueldade foi observada na primeira infância de Caracalla e de Calígula, de Commodo, que com treze anos mandou jogar ao fogo um escravo vivo; de Luis XII, que esmagava lenta-

em comum com o almeado; ele não é um doente, é um “crime no sentido moral”. De resto demonstrei que, além dos caracteres realmente atávicos, havia os adquiridos e os inteiramente patológicos. Vejo-me também interpelado pelos juristas que me reproavam, por reduzir o direito criminal a um capítulo da psiquiatria, e de transformar por inteiro a penalidade, o regime das prisões, isto é, verdade, em parte



Cesar Lombroso (no alto) condena as prisões e diz que elas são fábricas de criminosos. Na cela, Sirhan B. Sirhan, matador de Robert Kennedy e condenado à câmara de gás

a
ti
cr
ef
br

Severino Barbosa

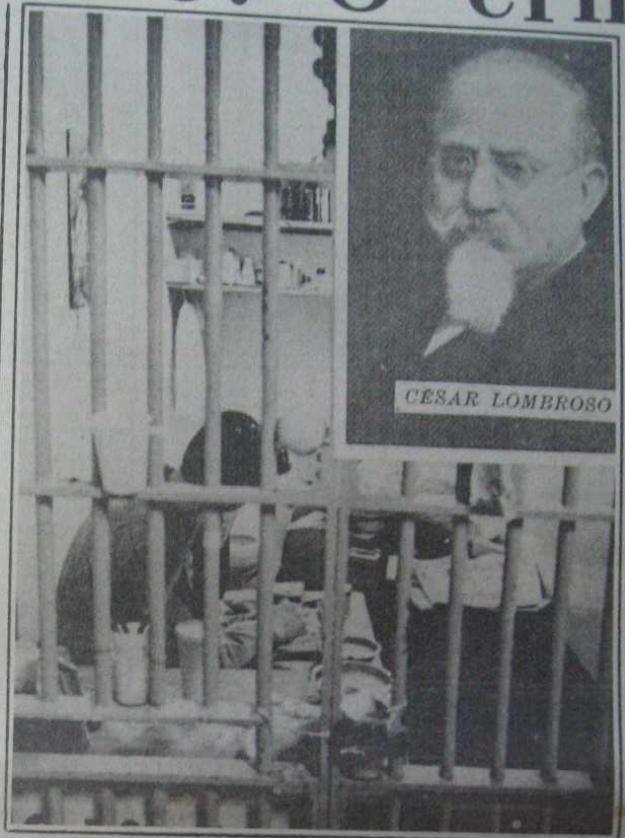
"Na maioria das vezes tem-se uma idéia falsa da fisionomia dos delinquentes. Os romancistas retratam homens com aspecto espanafado: barba até os olhos, o olhar brilhante, feroz. Outros observadores, como por exemplo, vão de um extremo a outro e não encontram diferença entre eles e o homem normal. Há delinquentes e outros estão enganados. Há delinquentes com crânios de bela conformação e notável capacidade, como os há, sobretudo, os hábeis negociantes e chefes de bandos, de fisionomia perfeitamente regular. Há também eram Holland, Lacenaire, Pichelet, Sutler e o chefe de bandos Carbone, uma das mais graciosas figuras napolitanas. Mas estas são exceções que nos impressionam e fascinam, sobretudo pelo contraste com nossa expectativa, e que se explicam por ocorrerem em pessoas de inteligência fora do comum, qual às vezes se associa uma certa elegância de forma. Excetuados, porém, os raros exemplos da oligarquia do crime, o estudo em massa desses desgraçados nas várias casas de detenção, leva-nos a concluir que o criminoso tem uma fisionomia, nem sempre feroz ou assustadora, mas particular, quase especial, para cada forma de delinquência". E o que nos explica Cesare Lombroso, o pai da Antropologia Criminal, em seu *L'Uomo Delinquente*.

Nos esturpadores (que não se chamam cretinos), segundo Lombroso, quase sempre o olho é cintilante, a fisionomia delicada, os lábios e as narinas volumosos. Os matadores e os ladrões têm cabelos crespos, crânios deformados, fortes mandíbulas, enormes zigomas, e freqüentes tatuagens, sendo comumente cobertos de cicatrizes na cabeça e no tronco.

Os homicidas têm o olhar vago, frio, imóvel, algumas vezes sanguineo e injetado; o nariz freqüentemente aquilino ou mesmo giboso como as aves de rapina, o nariz volumoso; mandíbulas grandes, orelhas longas, largos zigomas, os cabelos crespos, abundantes, escuros. Freqüentemente a barba é escassa, os dentes caninos pouco desenvolvidos, os lábios finos (muitas vezes têm nistagno ou piscada ocular), e uma contração unilateral do rosto, que mostra dentes caninos, como uma apanhada.

Muitos dos falsários e escrotores que pode estudar, diz Lombroso, tinham na fisionomia uma característica singular, alguma coisa de animal, que contribuía, naquela carreira, para inspirar confiança em suas vítimas. Conheci alguns de rosto pálido, olhos desviados, ou muito pequenos, nariz muito gálgico precoce, rugas e rosto de mulher velha".

De grande importância a cor dos olhos, como característica do delinquente: Lombroso informa que de 4.000 criminosos examinados, 50,2% tinham olhos de cor castanho 22,4%, castanho escuro 12,4%, amarelo ou esverdeado e 12% sem pigmentos, ou reflexos esverdeados. E quanto ao formato, ele aponta os olhos arredondados como característicos dos li-



Cesar Lombroso (no alto) condena as prisões e diz que elas são fábricas de criminosos. Na cela, Sirhan B. Sirhan, matador de Robert Kennedy e condenado à câmara de gás

bidinosos, citando o exemplo de um maniaco sexual de "olhos grandes e esbugalhados", que estuprou sua própria filha de 15 anos e a prostituiu.

Mas Lombroso, definindo o criminoso nato não se limita às suas experiências nem à sua época. Vai buscar nos grandes criminosos da história, a confirmação de suas teses. E lembra Tibério, o feroz imperador romano, que, segundo Mayor (*Monographie des Césars*), tinha orelhas de abano, assimetria facial e mandíbulas volumosas. Também Calígula, que tinha expressão sinistra, cruel e desconfiada, palidez no rosto, lábios finos, um rictus ameaçador no canto do lábio superior, olhar fixo e terrível, mandíbulas fortes e assimétricas, o lado esquerdo da cavidade zigomática mais desenvolvido. Ou Nero, que seria o protótipo do *Uomo Delinquente*.

DEGENERESCENCIA

Nos delinquentes, a decadência moral corresponde à sua decadência física. Suas tendências criminais manifestam-se desde a infância, concordando Lombroso com Baffanoli, o padre alienista (*Relazione Statistica di San Servolo*), quando ele diz que "os loucos morais são infelizes que trazem

a loucura no sangue, contraída no momento da concepção, nutrida no seio de suas mães". Daí sua inclinação precoce para o roubo, a crueldade, vaidade excessiva, astúcia, mentira, aversão aos hábitos de família, rebeldia à educação, gênio impulsivo, revelando-se invejosos, vingativos, odiando por odiar, siem de preguiçosos, devassos, covardes e escravos do crime.

"Os delinquentes estão sujeitos ao daltonismo. Neles a força muscular manual é pequena, mas freqüentemente têm uma agilidade extraordinária. Degenerescências alcoólicas ou epiléticas, atingem grande proporção entre eles. Os elementos histológicos de seus centros nervosos, são muito afetados pela degeneração calcária, esclerose e outros males, como herança de seus rudes ancestrais tão primitivos quanto selvagens".

Declarando que em vários traços, o retrato do delinquente nato lembra o das raças inferiores, "onde se evidencia o atavismo como fator de degenerescência". Lombroso diz que os germes da loucura moral e da delinquência existem já, "não como exceção mas de uma forma normal", nos primeiros tempos do homem, ainda embrião, "representando a criança o que os

frenólogos chamam de **louco moral** e nós denominamos **delinqüente nato**".

Isto explica por que quase todos os criminosos "manifestam seus maus instintos desde a mais tenra idade". A crueldade foi observada na primeira infância de Caracalla e de Calígula; de Comodo, que com treze anos mandou jogar ao forno um escravo vivo; de Luís XII, que esmagava lentamente entre duas pedras a cabeça de um pássaro. E referindo-se aos crimes infantis, ele cita a Bíblia: "Quando alguém tiver um filho contumaz e rebelde, seus pais o denunciarão aos anciãos de sua cidade para que seja condenado, e todos o apedrejarão, até que ele morra" (**Deuterônimo: 21.18.21**).

ESTIGMAS

Na busca de sua verdade, que ele denominou de **estigmas da criminalidade**, Lombroso disseceu perto de 500 cadáveres de criminosos e investigou mais de 6.000 delinqüentes vivos, relacionando a partir daí, os índices de uma regressão atávica que se constituiu na base de sua doutrina antropológica. Frente inclinada e baixa, curvas superciliares salientes (à semelhança dos macacos antropóides), assimetria craniana, altura anormal do crânio, mandíbulas e maçãs do rosto muito desenvolvidas, o dedo grande do pé desviado e prên-sil, orelhas em forma de abano, o tubérculo de Darwin (pequeno nódulo existente na extremidade superior do pavilhão auricular), rugas precoces no rosto, e pilosidade anormal, foram alguns dos estigmas por ele encontrados e apontados como denunciadores do **Criminoso Nato**.

Ao lado das particularidades anatómicas, Lombroso considerou também os traços psicológicos do criminoso, como o acanhamento, a efetividade nula ou perturbada, a brutalidade, a instabilidade, a imprevidência, a vaidade, a superstição, a frieza e a inclinação especial pelo dinheiro. Depois ele se detinha no epilético, "cujo talento se aproxima muito daquele do delinqüente nato", robustecendo daí a sua tese do **louco moral**.

"A analogia entre o louco moral, o delinqüente nato e o epilético, apaziguam para sempre o dissídio que se eternizava entre os moralistas, os juristas e os psiquiatras, e às vezes se revelava também entre as escolas psiquiátricas. A teoria do atavismo no crime completa-se e se corrige com o acréscimo da nutrição defeituosa do cérebro, da má condutibilidade nervosa, da falta de equilíbrio dos hemisférios, pela condição epilética. Em uma palavra: a doença se junta morbidamente a monstruosidade".

Seja na prisão, seja fora dela, a postura do delinqüente se assemelha frequentemente à dos alienados. "No conjunto dos criminosos, diz Nicolson, há muitos que deveriam ser classificados entre os loucos". Foi o que Lombroso quis dizer com o seu **louco moral**, copiando intuitivamente o Roskolnikov, que Dostoievski pintou no seu **Crime e Castigo**.

O DELINQUENTE

"O louco moral não tem nada

em comum com o alineado; ele não é um doente, é um "cretino no sentido moral". De resto demonstrei que, além dos caracteres realmente atávicos, havia os adquiridos e os inteiramente patológicos. Vejo-me também interpelado pelos juristas que me reprovam, por reduzir o direito criminal a um capítulo da psiquiatria, e de transformar por inteiro a penalidade, o regime das prisões. Isto é verdade, em parte. Para os delinqüentes ocasionais, eu me limito à esfera das leis comuns. Quanto aos delinqüentes natos e aos loucos delinqüentes, as mudanças por mim propostas aumentariam a segurança social, já que peço para eles detenção perpétua num asilo especial, ou a morte, como medida de "seleção".

Lombroso se rebela contra as Leis e os tribunais que se limitam a debater o crime, ficando cegos ao **criminoso-homem**, carregado de mazelas, porque somente têm olhos para enxergar o **homem-criminoso**, como objeto de castigo, mais ainda se marcado pelo estigma da miséria. Acusado de tentar substituir o Código Penal, por teorias e compêndios científicos, Lombroso protesta e diz que não advoga a liberdade dos bandidos:

"Longe de abrandar-lhes as condições, nós pedimos para eles uma detenção perpétua. A sociedade moderna rejeita essa detenção perpétua para homenagear princípios teóricos, expondo-se a grandes perigos. Adota, porém, com muito mais incerteza, irregularidade e injustiça, uma semi-continuidade da pena, sob a forma de colônia penal, de residência forçada e de reclusões ineficazes, por meio das quais se vangloria de obter, para os cidadãos, a segurança que as leis não lhes podem oferecer".

Lombroso vai mais longe. Declara que na prática, a obra da justiça é de certa forma "um trabalho de Sisifo", imensa fadiga "que não leva a resultado algum". E que os meios sugeridos pelas escolas mais modernas, a liberdade provisória, o júri, a liberdade condicional, "em vez de diminuir, aumentam a delinqüência, ou limitam-se a transformá-la".

E afirmando que há muitos séculos o povo assinalou a "incorrigibilidade dos criminosos", sobretudo dos ladrões, e a "inutilidade dos presídios", ele cita a Bíblia que já distinguia o delinqüente nato e o condenava à morte desde a juventude. E em paz consigo mesmo, diz tranqüilo:

"Talvez de minha obra não reste em breve pedra sobre pedra, mas a idéia que lhe deu origem, **cursores qui votae lampada trahunt**, essa não perecerá". Não, porque ela se eterniza em **L'Uomo Delinqüente**.

Tal como disse o divino poeta no seu **Inferno**: "Per me si va nell'eterno dolore, per me si va tra la perduta gente".

("Por mim se vai ao abismo das dores eternas,

Por mim se vai a mansão dos condenados").

13 de Maio: aprendemos a lição

Manoel Neto Teixeira

Tenho certeza que, diante dos fatos arrolados, se a princesa Isabel viva estivesse, e na condição de dirigente máxima do Brasil, ela jamais criaria qualquer norma semelhante à Lei Aurea, decretando o fim da escravidão, conforme fizera há 97 anos atrás.

Para não fugir à regra, também a história da escravidão brasileira se bifurca entre a norma, de um lado (e aí temos que louvar a intenção da princesa) e a realidade, de outro.

Foi assim durante a Colônia, o Império, a Primeira e a Segunda Repúblicas. Isto é, o Brasil legal, de um lado, e o Brasil real, de outro, com todos os seus percalços e mazelas. E tanto foi, e continua assim, que para os escravos da época pouco ou quase nada acrescentou, uma vez que a sua condição de vida continuou a mesma, presa e dependente do "statu quo".

Parei no final da Segunda República, que teoricamente acabou no dia 15 de março de 1985, não porque o problema já esteja resolvido, num curto espaço de apenas dois meses. Seria simplesmente um milagre, o que não ocorre, sob qualquer hipótese, em matéria de política, de economia, de vida social. Parei ali porque um novo ciclo se abre em nossa história, concebido e proclamado pelo inesquecível estadista Tancredo Neves - a Nova República.

O novo ciclo histórico traz esperanças e até certezas de que caminhamos em direção às mudanças pela maioria reclamadas. Naquela época, há precisamente 97 anos atrás, a nobre dama teve o cuidado e, porque não dizer, a sensibilidade de acabar, através da norma, com os grilhões.

Os grilhões eram uma forma de prisão que ignorava a condição de pessoa humana dos que viam-se acorrentados pelos pés, braços e outras partes do corpo. Eram reduzidos a coisa, o que não ocorre mais, em nossos dias. Até aí, tudo bem. Entretanto, outras formas de grilhões foram-se multiplicando na sociedade, atingindo grandes parcelas não apenas de "negros", mas de irmãos brasileiros, independentemente da cor da pele.

São os grilhões do analfabetismo, do desemprego, da fome, da falta de assistência médica, de moradia, milhões de crianças abandonadas, enfim, um quadro de miséria e abandono que atinge grandes contingentes de brasileiros. De que adiantaria o atual presidente da República

baixar uma lei abolindo tudo isso? Seria o caminho da ficção.

Pelo menos já amadurecemos suficiente para não incorrerem mais em bobagens desse gênero. Quero logo deixar claro o meu respeito às normas, às leis em geral, desde que concebidas dentro da própria realidade, sem artificialismos e qualquer tipo de macaquice, conforme só tem ocorrido ao longo da nossa história político-constitucional.

As manifestações que assinalaram a passagem do 13 de Maio último refletem essa realidade. Ao invés de comemorações, quase sempre encampadas pelo espírito alegre e festivo da nossa gente, nesses momentos, optou-se pelo caminho do questionamento. Líderes classistas, políticos e representantes de entidades diversas subiram à tribuna e, em uníssono, proclamaram a necessidade de mudanças, eis que a escravidão não acabou.

De lado o problema do preconceito racial, a meu ver, secundário, ainda alimentado por uma minoria, vamos ao que mais interessa: o engajamento de todos os segmentos sociais, com participação efetiva de todos os grupos e tendências na vida do país. Isto é o que importa. A discriminação de cor é um capítulo superado, mesmo porque as normas vigentes não mais o permitem.

A obra do mestre Gilberto Freyre é ampla e profundamente elucidativa, sobre a questão. O autor de **Casa Grande & Senzala** detectou a inexistência de "branco" e "negro" e, na sua concepção de gênio, vislumbra a formação de uma "metaraca brasileira", na qual o traço comum e característico é a "morenidade".

O estudo do fenômeno afro-brasileiro, a nível de currículo nas nossas escolas, como foi sugerido, assim, é importantíssimo.

Mas, voltando à questão da norma, diria mais o seguinte: haveremos de trilhar, unidos, o caminho do direito para atingirmos nossos ideais de povo livre e independente. O caminho do direito, como bem acentuam os nossos grandes juristas-humanistas, assim reconhecidos, e não apenas os limites da legalidade, isto é, da lei fria, artificial e que reflete apenas os interesses de minorias privilegiadas.

Foi assim que vimos a passagem do último 13 de maio, sem dúvida, mais um sinal de que aprendemos a lição e já começamos a andar com os próprios pés em direção ao ponto reservado para todos os brasileiros no contexto das nações livres e independentes.